

# A LITERATURA DO RAPPER EMICIDA COMO REFERÊNCIA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Tatiana Galieta<sup>1</sup>

## Resumo

Alinhada a estudos anteriores que utilizam a cultura Hip-Hop na educação formal, considero a literatura do rapper Emicida como referência para uma educação antirracista que discuta as diversas dimensões (histórica, social, científica e religiosa) do racismo brasileiro. Faço um levantamento de sua obra completa, seguida pela identificação dos temas recorrentes nela para o estabelecimento de categorias temáticas. Somente foram considerados os três álbuns de estúdio com o total de 39 faixas. De 13 temas inicialmente identificados compilei sete categorias: materialidade da vida; relações interpessoais; ancestralidade e espiritualidade; racismo e resistência negra; corporalidade; referências (eventos e personagens); e natureza. Após a classificação nas categorias, nove músicas foram selecionadas. Em diálogo com intelectuais Negros/as, foram explorados elementos que subsidiam uma educação antirracista.

**Palavras-chave:** Educação antirracista; Emicida; Pedagogia Hip-Hop.

## THE LITERATURE OF THE RAPPER EMICIDA AS A REFERENCE FOR ANTI-RACIST AND MINORITY EDUCATION

## Abstract

Based on previous studies that use Hip-Hop culture in formal education, I consider the literature of rapper Emicida as a reference for an anti-racist education that discusses the different dimensions (historical, social, scientific and religious) of Brazilian racism. I make a survey of his complete work, followed by the identification of the recurring themes in it for the establishment of thematic categories that organize the musical production of Emicida. Only the three studio albums with a total of 39 tracks were considered. From 13 themes initially identified, I have compiled seven categories: materiality of life; interpersonal relationships; ancestry and spirituality; racism and black resistance; corporeality; references (events and characters); and nature. After the classification in the categories, nine

<sup>1</sup> Doutora em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Faculdade de Formação de Professores (FFP). Líder do Grupo de Pesquisa Liqueus (Leituras e Investigações sobre Questões de Ensino de Ciências e Sociedade). E-mail: tatigalieta@gmail.com

songs were selected. In dialogue with Black intellectuals, elements that support an anti-racist education were explored.

**Keywords:** Anti-racist education; Emicida; Hip-Hop pedagogy.

## LA LITERATURA DEL RAPPER EMICIDA COMO REFERENCIA PARA LA EDUCACIÓN ANTIRRACISTA Y DE LAS MINORÍAS

### Resumen

En línea con estudios previos que utilizan la cultura Hip-Hop en la educación formal, considero la literatura del rapero Emicida como un referente para la educación antirracista que discute las diferentes dimensiones (histórica, social, científica y religiosa) del racismo brasileño. Hago un repaso de su obra completa, seguida de la identificación de los temas recurrentes en la misma para el establecimiento de categorías temáticas que organizan la producción musical de Emicida. Solo se consideraron los tres álbumes de estudio con un total de 39 pistas. A partir de 13 temas identificados inicialmente, he recopilado siete categorías: materialidad de la vida; relaciones interpersonales; ascendencia y espiritualidad; racismo y resistencia negra; corporeidad; referencias (eventos y personajes); y naturaleza. Tras la clasificación en las categorías, se seleccionaron nueve canciones. En diálogo con intelectuales negros, se exploraron elementos que apoyan una educación antirracista.

**Palabras clave:** Educación antirracista; Emicida; Pedagogía Hip-Hop.

### Introdução

Parto do pressuposto de que a educação formal (escolar e universitária), por meio de processos de conscientização e de constituição de uma curiosidade epistemológica (em lugar da ingênua), deve formar pessoas que reconheçam as desigualdades e injustiças de nossa sociedade e busquem sua transformação (FREIRE, 1987). As situações de opressão na sociedade brasileira, tipicamente capitalista dependente, envolvem questões de classe, gênero e raça que remontam o período colonial no qual se estabeleceram diferenças entre o homem-branco-heterossexual-cristão-euro descendente e “os/as outros/as” vistos como tudo o que deveria ser convertido para o “modelo padrão”. Com isso, legitimou-se não apenas a ideia de conversão, mas, sobretudo a de perseguição, escravização e eliminação do diferente. Mulheres e homens indígenas e

africanas(os) foram mortos e, até hoje, seus descendentes enfrentam os efeitos da necropolítica<sup>2</sup> (MBEMBE, 2018).

Entendo, portanto, que as disciplinas da educação básica e dos cursos de licenciatura devem debater sobre temas nevrálgicos da sociedade brasileira, dentre os quais se destacam o racismo, o machismo e a LGBTfobia que custam muitas vidas. Educar para a transformação desta sociedade passa por um trabalho de reconhecimento das opressões, dos direitos humanos dos oprimidos, do histórico do país de exploração e genocídio das minorias<sup>3</sup>.

A resistência à política de morte envolve diversas frentes de atuação, entre elas o reconhecimento e o ensino das histórias e culturas dos povos originários, africanos e afrodescendentes (conforme as leis 10.639/03 e 11.645/08; BRASIL, 2003; 2008). Nesse sentido, apresento a proposta de utilizar o Hip-Hop como referência na educação formal tendo o entendimento de que a entrada da cultura das periferias, das ruas, de jovens negros/as na escola fortalece identidades e reforça vínculos com ascendências e ancestralidades que são marginalizadas há séculos. Para tanto, busco na literatura do rapper Emicida um referencial teórico para uma educação antirracista que discuta a existência de barreiras e hierarquias raciais no Brasil, refletindo sobre as formas de racismo e seus desdobramentos no ambiente escolar (CAVALLEIRO, 2001). Assim, entendo que ao trazer a cultura Hip-Hop para a sala de aula nos aproximamos das periferias e, conseqüentemente, do racismo sistêmico vivenciado por nossos/as estudantes negros/as.

## **1. Hip-Hop: de movimento cultural à pedagogia antirracista**

---

<sup>2</sup> O conceito de necropolítica desenvolvido por Achille Mbembe pauta-se na noção de que a “expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2018, p. 5).

<sup>3</sup> Considero que “minorias” não está relacionada à quantidade (número de pessoas) de um grupo, mas sim a uma situação de desvantagem dele na sociedade. De acordo com Mendes Chaves (1971), o termo “minorias” significa: “um grupo de pessoas que de algum modo e em algum setor das relações sociais se encontra numa situação de dependência ou desvantagem em relação a um outro grupo, ‘maioritário’, ambos integrando uma sociedade mais ampla. As minorias recebem quase sempre um tratamento discriminatório por parte da maioria” (p. 149).

O movimento cultural Hip-Hop<sup>4</sup> surge nos Estados Unidos da América (EUA)<sup>5</sup> na metade da década de 1970 em um momento em que a “disco music” já estava em declínio e o “funk” de James Brown tinha perdido espaço nas rádios. Um de seus pioneiros, o DJ Africa Bambaataa, fundador da organização Zulu Nation, comenta:

Inicialmente, o hip hop surgiu como resultado de outros acontecimentos musicais como o Reggae Dance Hall e o Calypso, que estavam sendo feitos na Jamaica. A poesia de Last Poets, Watts Prophets, Gil Scott Heroin, Gary Byrd, Sly Stone, James Brown, Jocko, Murray The K, Cousin Brucie, Eddie O Jay, Muhammad Ali, Malcolm X, Mother Goose, entre outros, já tinha algum tipo de rap em suas canções, mas foi comigo, com o DJ Kool Herc e o Grandmaster Flash que o hip hop começou a se tornar o que ele é hoje. Ele começou nas comunidades negras, que envolve toda a família dos latinos também (BAMBAATAA, 2016).

O Hip-Hop nasce, portanto, nas periferias onde residem grupos minoritários (no caso, imigrantes latinos, jamaicanos e afrodescendentes) que buscam se manter vivos em um cenário de violência e abandono pelo Estado, além de reafirmar as identidades de sua ancestralidade e reivindicar seus direitos civis.

Os quatro elementos que compõem o Hip-Hop são o/a MC (Mestre de Cerimônia, quem canta e faz as rimas), o/a DJ (“Disc jockey”, que faz os “beats” ou as batidas com toca-discos para o MC rimar), o “B-boy” ou “B-girl” (os dançarinos de “Breakdance”) e o Grafite (estilo visual composto por pinturas feitas em espaços urbanos). Bambaataa (2016) considera, ainda, um quinto elemento: o conhecimento. O Rap (“Rithm and Poethry” ou Ritmo e Poesia) congrega a música e a poesia do/a MC (ou rapper) através de um discurso poético ritmado em cima de uma batida não necessariamente original sintetizada pelo DJ.

No Brasil, o movimento Hip-Hop inicia-se na região central de São Paulo em meados da década de 1980. Um de seus precursores, o rapper Thaíde, localiza no Largo de São Bento as primeiras reuniões de rappers e B-boys. O grupo, no entanto, enfrentava dificuldades com os policiais (TV GAZETA,

---

<sup>4</sup> A palavra “hip” é uma gíria para algo atual, moderno, que está acontecendo no momento, e “hop” se refere a um movimento de dança. O termo teria sido cunhado por Keith “Cowboy” Wiggins e Grandmaster Flash em 1978. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hip\\_hop](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hip_hop). Consulta em 30 de out. de 2020.

<sup>5</sup> Refiro-me ao movimento Hip-Hop e não ao gênero musical Rap o qual, segundo Costa (2012), surgiu na Jamaica e chegou aos EUA com os imigrantes caribenhos.

2016). De fato, o “break” foi o primeiro elemento da cultura Hip-Hop a despontar por aqui (FOCHI, 2007). Na música, nomes como Rappin Hood e o grupo DMN logo se destacaram com suas letras denúncia/protesto sobre o racismo e a violência policial. Com o grande sucesso dos Racionais MC’s, nos anos 90<sup>6</sup>, o Rap passa a ser conhecido nacionalmente como porta voz de jovens negros periféricos a partir de temas relacionados ao cotidiano, às drogas, à exclusão social, ao crime e à discriminação racial.

Devido ao seu pertencimento às populações que têm sido historicamente marginalizadas em cidades urbanas, o Hip-Hop passa a ser visto como uma importante expressão cultural a ser considerada na educação formal. Assim como o movimento, a pedagogia Hip-Hop ganha contornos teóricos e práticos nos EUA. A ideia de que as culturas populares deveriam ser incorporadas aos currículos formais em escolas de educação básica fez com que emergisse uma série de pesquisas e iniciativas que levaram o Hip-Hop para as salas de aula estadunidenses (HILL, 2014).

Este autor sinaliza a existência de diversos estudos que consideram os elementos da cultura Hip-Hop em salas de aula “para melhorar a motivação dos alunos, ensinar leitura crítica da mídia, promover a consciência crítica e transmitir conhecimentos curriculares” (HILL, 2014, p. 38). Ele denomina esse conjunto de pesquisas de “Educação Baseada no Hip-Hop” (EBHH). No entanto, faz uma crítica às abordagens descontextualizadas e textualistas que resultam “em somas românticas de resistência de jovens ou narrativas pessimistas de dominação” (HILL, 2014, p. 40). Por isso, destaca a necessidade de “considerações mais amplas da cultura e identidade dentro de contextos da EBHH” (p. 52).

Aqui no Brasil, diversos estudos têm sido desenvolvidos no âmbito da EBHH, ainda que não sejam assim nomeados por seus autores. Destaco as pesquisas de Amaral (2015) e Dias (2019), situadas no referencial da pedagogia crítica culturalmente relevante, com o propósito de uma educação inspirada no

---

<sup>6</sup> O grupo paulistano Racionais MC’s (Edi Rock, KL Jay, Ice Blue e Mano Brown) foi formado em 1988. O quinto álbum de estúdio “Sobrevivendo no Inferno”, lançado em 1997, vendeu mais de 1 milhão de cópias e o videoclipe “Diário de um detento” fez enorme sucesso na MTV Brasil. Em 2018 é lançado o livro homônimo que foi incorporado na bibliografia de vestibulares, como o da Unicamp (RACIONAIS MC’S, 2018).

Hip-Hop. Ambas desenvolveram-se em parceria com a ONG paulistana Casa do Zezinho. Foram realizadas oficinas que pretendiam “suscitar no presente, o passado e a tradição cultural de nossos ancestrais afro-indígenas, permitindo, ao mesmo tempo, uma combinação desta última com as manifestações contemporâneas da arte juvenil de rua” (AMARAL, 2015, p. 284). A partir de materiais coletados durante as oficinas com os adolescentes e de entrevistas com as principais lideranças do movimento, Amaral (2015) discute questões como o multipertencimento étnico brasileiro, a história da música de afrodescendentes ancorada na diáspora afro-americana e os rappers como “curadores feridos” (“wounded healers”, termo cunhado por HILL, 2014). A pesquisa de Dias (2019) teve como foco o “breaking” a partir de diversas atividades na ONG que exploravam “a ressignificação da história a partir da estética Hip-Hop” e pensavam “nas intersecções entre as relações sociais dos grupos historicamente marginalizados e espalhados pelo mundo na diáspora” (p. 42/43). O projeto desdobrou-se em escolas públicas junto com arte-educadores e ativistas que ofereciam formação aos professores sobre a cultura Hip-Hop em experiências de docência compartilhada.

Ao se situarem em uma perspectiva afrocentrada que resgata a história de povos africanos confrontando-a com o cotidiano da juventude afro-brasileira urbana periférica, os estudos acima contribuem para a consolidação de uma pedagogia baseada no Hip-Hop que milita pela decolonização das mentes e do currículo e pela (re)construção da memória coletiva (DIAS, 2019). Nesse sentido, os princípios da educação antirracista podem ser atendidos, entre eles, o da eliminação do eurocentrismo dos currículos escolares, o ensino das histórias de diferentes grupos étnico-raciais e o fortalecimento do autoconceito de estudantes que pertencem a grupos marginalizados (CAVALLEIRO, 2001).

Frente às possibilidades de assumirmos a literatura Hip-Hop como referência na educação formal, é importante reconhecer que o Rap já foi palco exclusivo de homens e, suas letras, como parte da sociedade brasileira, expressavam o machismo. Assim, penso que rappers (mulheres e homens) que estão à frente não apenas da luta antirracista, mas também da inclusão das minorias e contra as violências de gênero, devem ter suas vozes ampliadas e referenciadas. Dentro da nova geração do Rap brasileiro, o cantor e compositor

Emicida tem se destacado com forte presença nas mídias e pelo discurso considerado às vezes pouco usual para um rapper mantendo, contudo, a veia da contestação típica do Hip-Hop.

## 2. Leandro, filho de Dona Jacira. Emicida, o rei da rinha.

Leandro Roque de Oliveira nasceu em 17 de agosto de 1985 no Jardim Fontalis, bairro de São Paulo capital. O filho de Jacira Roque de Oliveira e Miguel de Oliveira tem duas irmãs (Kátia e Katiane) e um irmão Evandro (Fióti) com o qual trabalha (Figura1).



Figura 1: (A) Quando criança com sua mãe, a irmã Katiane, o irmão Evandro e Afrodite, a cachorrinha. Fonte: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/emicida-entrevista>. (B) Fióti, Dona Jacira e Emicida, na São Paulo Fashion Week. Fonte: <https://www.hypeness.com.br/2019/03/mae-de-emicida-e-fiotti-dona-jacira-narra-cura-pela-escrita-e-ancestralidade/>.

A morte prematura de seu pai, quando tinha somente seis anos de idade, fez com sua mãe assumisse uma rotina intensa de trabalho. Sobre isso, Emicida comentou:

Como ela [*Dona Jacira*] voltava no meio da madrugada, vagabundo sabia que não tinha adulto na casa e forçava a porta para invadir o barraco. Ela ensinou a gente a esquentar óleo na panela, deixar ferver e, se alguém invadissem, a gente jogava na cara da pessoa. O bagulho mais louco é que eu tinha seis anos e estava pronto para matar alguém. (...) Falaram tanto que eu era o homem da casa que com sete anos fui procurar emprego. Fui carregar compra em mercado (EMICIDA, 2018)<sup>7</sup>.

O menino Leandro deparou-se com a dura realidade de uma família periférica muito cedo, assim como a maioria das crianças negras brasileiras, em

<sup>7</sup> As transcrições de entrevistas do Emicida não possuem correções de língua portuguesa. Entendo que esta é uma postura consciente do rapper que está ancorada no conceito de “pretuguês” de Lélia Gonzalez (GONZALEZ, 1983, p. 238). O rapper cita a intelectual em algumas de suas entrevistas e no documentário AmarElo (2020).



seu cotidiano na zona norte paulistana. Ele considera que seu primeiro contato com a música se deu ao observar seus pais organizando bailes nas ruas, sendo o Sr. Miguel músico e DJ (EMICIDA, 2011a).

Uma de suas primeiras paixões foram as Histórias em Quadrinho (HQs); inclusive, a revista “Motoqueiro Fantasma”<sup>8</sup> serviu de inspiração para o nome de sua empresa e produtora Laboratório Fantasma (LAB) (EMICIDA, 2019a) fundada em 2008. Ele se formou em Design pela Escola Arte São Paulo, escrevia roteiros e fazia desenhos de HQs. Esta foi a porta de entrada para a composição de poesias e raps, mas demorou algum tempo para que ele mostrasse as letras para outras pessoas (EMICIDA, 2011a). Quando Leandro alcança êxito nas batalhas de MC’s passa a ser conhecido como Emicida. Sobre o nome, ele diz:

No começo era apenas uma brincadeira com a palavra homicida [*de MC’s*], aí um dia eu tava brisando vendo umas paradas dos gringo e vi que tinham várias siglas tipo n.o.t.o.r.i.o.u.s. e outras paradas que num lembro agora. Achei bem loco e resolvi transformar meu vulgo em uma sigla também, e.m.i.c.i.d.a., que quer dizer – “Enquanto Minha Imaginação Compor Insanidades Domino a Arte”, e é isso, creio que essas 7 palavras sintetizam meus ideais durante minha estada aqui (EMICIDA, 2006).

Emicida não entendia o Rap cantado em inglês e o “achava meio besta”, logo o primeiro rapper com quem teve contato foi Pepeu. Após isso, chega aos Racionais MC’s, Sistema Negro, DMN, Rappin Hood, tendo este último forte influência sobre sua música (EMICIDA, 2014).

O rapper venceu vários campeonatos de batalhas, chegando à impressionante marca de 11 vitórias da Batalha da Santa Cruz e 12 da Rinha dos MC’s (PER RAPS, 2008), além de ter sido campeão nacional da Liga dos MC’s em 2006, aos 21 anos (Figura2).

Por conta do sucesso, Emicida já era conhecido localmente em uma época de sua vida em que a música ainda estava longe de ser seu “ganha pão”. O rapper trabalhou como pedreiro, ele foi pintor, artesão (em um ateliê), técnico de som, vendeu cachorro-quente e trabalhou em feiras (EMICIDA, 2011a; 2012).

---

<sup>8</sup> A HQ “Motoqueiro Fantasma 2099” (ou “Ghost Rider 2099”) foi criada em 1994, por Len Kaminski e Chris Bachalo, e publicada pela editora Marvel Comics (Nota de Luciano Calixto de Souza Junior, em 24/10/2020).





Figura2: (A) Final da Liga dos MC's, em São Paulo (2006); (B) Emicida na Rinha dos MC's, em São Paulo (2010). Fontes: <http://aguanamagoa.blogspot.com/> e <https://www.youtube.com/watch?v=H6xKzosBpsM>.

Lançou seu primeiro single via Internet em 2005, porém somente com “Triunfo” (2008) passa a ter maior visibilidade, sendo este o marco inicial de sua carreira profissional como rapper. Ele estreou na televisão participando da equipe do programa “Manos e Minas” da TV Cultura (entre 2010 e 2012) e também foi apresentador do “Sangue B” da MTV (em 2011). Sua entrada na grande mídia se deu com a participação em programas de TV aberta, como o “Altas Horas” da Globo (para lançamento da mixtape “Emicídio”, em 2010) e o “Conexão Repórter” do SBT. Desde 2018, é um dos integrantes do “Papo de Segunda” do canal GNT. Durante a pandemia da Covid-19, Emicida foi entrevistado ao vivo no programa “Roda Viva”, tendo grande audiência e repercussão nas mídias sociais (Figura3).

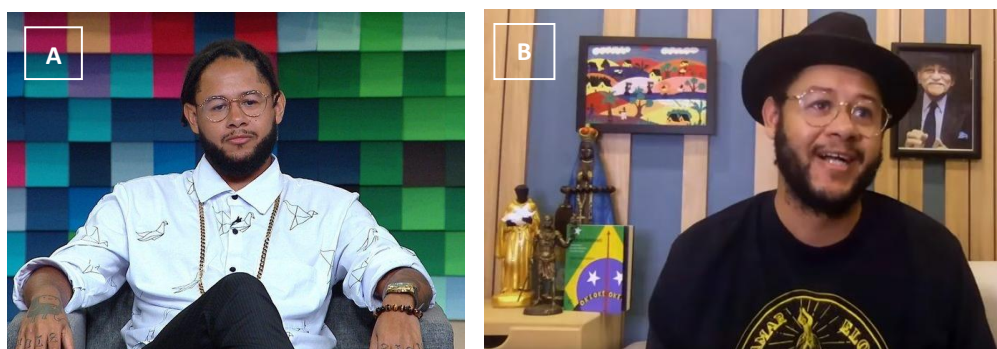


Figura3: (A) Emicida no Papo de Segunda do GNT (2018); (B) Em participação no programa Roda Viva, transmitido em 27 de julho de 2020. Fontes: Google Imagens (Foto de Divulgação) e <https://www.youtube.com/watch?v=pDV3SGzV3m4&t=2232s> (print da tela).

Devido à popularização de seu trabalho, com grande evidência midiática e forte inserção no *mainstream*, Emicida tem recebido críticas de fãs de Rap. Eles alegam que o rapper teria “se vendido ao sistema” pelo fato de ter se tornado um “MC pop” e ter uma empresa bem-sucedida. Tradicionalmente, os rappers são conhecidos por suas atitudes questionadoras e intransigentes, como a figura de “gangster”, recusando-se a participar do circuito de divulgação em redes de TV e rádios. Sobre isso, Emicida tem se manifestado em entrevistas e na sua própria música.

Sabe o que eu acho que nós tem que ser? Sincero. Eu não posso mentir. Eu não posso virar um personagem que vai chegar hoje e falar pros moleque que eu tô morando num barraquinho de madeira com os rato passando. Eu não tô mano. É importante que as pessoas saibam que eu abri uma empresa que eu me organizei tá ligado. É importante que as pessoas saibam que eu juntei meus amigos, pessoas que acreditavam, que amavam o Hip-Hop e a gente sentou aqui, então a gente vai trabalhar por isso (EMICIDA, 2016).

O rapper também tem afirmado o compromisso com “os seus e as suas”, principalmente, no que diz respeito à LAB e ao modo de significação da negritude.

A verdade é que no imaginário das pessoa todo mundo na cadeia da música pode ganhar dinheiro menos o artista. Essa é uma conclusão muito triste e a gente nunca se relacionou de uma forma pacífica com essa lógica. Muito pelo contrário. A gente não tem intenção nenhuma de obedecer a isso porque isso também é uma forma de dizer, sobretudo para as pessoa preta fique no seu lugar porque eles acreditam de alguma forma, em algum lugar dentro do imaginário deles, que esse lugar de miséria é uma característica da negritude. Então a gente se organiza ali mesmo, se aquilomba, a gente faz o nosso quilombo ali que é a Laboratório Fantasma e vai pro mercado junto. Porque tem uma coisa aí que é interessante né: o capitalismo ele não é um quiz. Não perguntaram pra gente sim ou não, se a gente queria ou não, a gente existe dentro dele. O Hip-Hop ele vai ser associado por esse movimento econômico tá ligado. Agora a questão é: a gente pode permitir que ele seja colocado dentro da indústria por quem não tem apreço pelos valores dele ou por pessoas que conhecem e podem conduzi-lo de maneira que ele sempre que avançar leve junto os seus valores. É por isso que a gente se transforma num grupo de empresários (EMICIDA, 2020).

Não pretendo aqui aprofundar a polêmica, porém justifico minha escolha pela literatura de Emicida por seu posicionamento político, pelo alcance de suas músicas e pela repercussão de sua voz junto a públicos das mais diversas idades e perfis socioeconômicos. Acredito que sua história de vida, que exemplifica a trajetória de um menino e jovem negro periférico que atualmente é bem-sucedido graças à música, seja legítima e sirva como um exemplo positivo nessa

sociedade em que o homem negro é visto como violento, agressivo e ameaçador; estereótipo este construído e reforçado pela própria mídia.

### 3. Percurso metodológico

O estudo foi desenvolvido a partir de elementos exploratórios, descritivos e interpretativos típicos de pesquisas qualitativas (MINAYO, 1999) (Figura1).

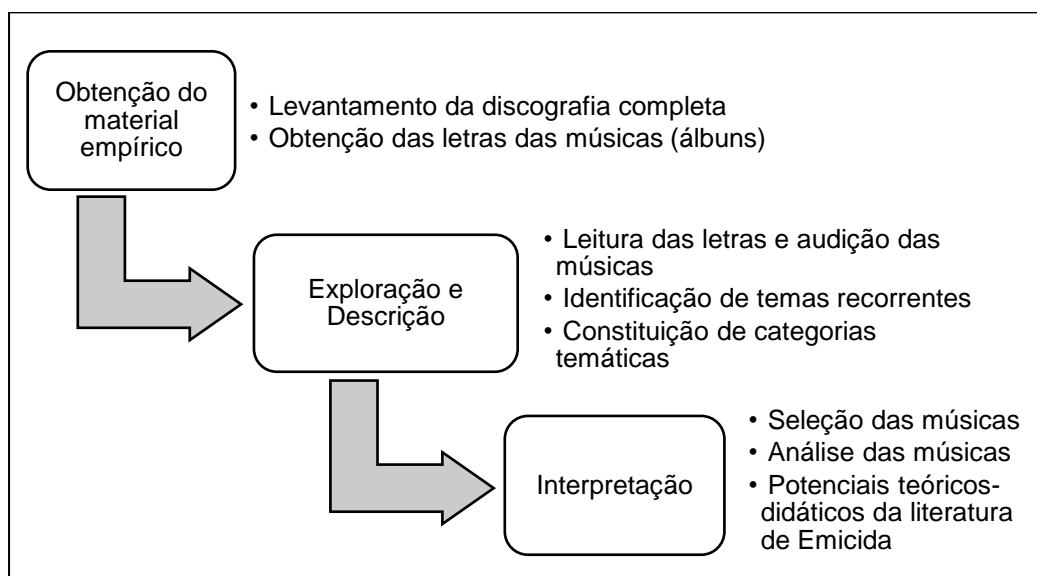


Figura1: desenho metodológico do estudo com detalhamento das suas etapas. Fonte: a autora (2020).

Inicialmente foi feito o levantamento de toda a produção do músico Emicida a partir de informações disponíveis na Internet localizadas por meio de portal de buscas. Após terem sido tabelados todos os singles, EPs (Extended Play), *mixtapes* e álbuns, optei por focar somente nas músicas dos álbuns. Essa escolha foi feita por entender que o acesso a elas pelo grande público é facilitado devido à possibilidade de aquisição dos álbuns físicos (CDs ou LPs) ou de consumo via plataformas de áudio. Foram obtidas as letras destas músicas (também por busca na Internet), as quais consistiram no material empírico do estudo.

Em seguida as letras foram lidas de forma exploratória simultaneamente à audição das músicas. Como eu já conhecia as músicas tive que realizar outra forma de escuta agora mais atenta aos versos. Esse processo foi realizado, no mínimo, três vezes. Evitei assistir aos videocliques que eventualmente existissem, de modo a concentrar minha atenção nas letras. Desta forma, nesta etapa, não

foram consideradas as produções audiovisuais associadas à literatura de Emicida. O processo descritivo teve início com a identificação de temas recorrentes nas músicas, os quais foram posteriormente agrupados em categorias temáticas mais abrangentes.

A análise interpretativa foi realizada a partir da identificação, em cada uma das músicas, da presença ou ausência das categorias temáticas. A partir daí, foi possível identificar quais músicas se enquadravam em cada uma das categorias, de modo a ter um panorama geral de quais letras foram classificadas por categoria. Por fim, selecionei as músicas que contemplaram o maior número de categorias e explorei em cada uma delas as potencialidades para uma educação antirracista.

Ressalto que ao realizar essa tentativa de “classificar” em temas o conjunto de uma literatura, acabei por desmembrar uma totalidade artística (que envolve sons, imagens, vibrações, nuances poéticas) e, por isso mesmo, foram perdidos elementos potentes das obras. Assim, reconheço que o próprio processo de análise (típico de um modo de produção de conhecimentos de uma ciência moderna eurocentrada) por mim realizado descontextualiza e produz perdas irreparáveis.

#### **4. Análise da literatura Hip-Hop de Emicida**

##### **4.1. A produção do rapper Emicida**

Tendo como marco inicial o lançamento do single “Contraditório Vagabundo” em 2005, Emicida soma 17 singles (que não foram incluídos em EPs ou álbuns), 2 (duas) mixtapes, 3 (três) álbuns de colaboração (sendo dois deles ao vivo), 4 (quatro) EPs (um deles em colaboração), 1 (um) álbum ao vivo solo; 3 (três) álbuns de estúdio; 3 (três) livros (dois destinados ao público infantil), 4 (quatro) documentários e 2 (dois) podcasts. O ano 2020 destaca-se como sendo o mais produtivo do rapper, com alguns desdobramentos do projeto AmarElo.

Conforme descrito na metodologia, foram buscadas as letras das músicas que integram os álbuns de estúdio, a saber: “O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui” (2013a), “Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa”

(2015) e “AmarElo” (2019b), todos produzidos pela Laboratório Fantasma (Figura4).



Figura 4: Capas dos três álbuns solo de estúdio de Emicida (2013a; 2015; 2019b, respectivamente). Fonte: Google imagens.

Em uma transmissão ao vivo no dia seguinte ao lançamento do primeiro álbum, Emicida conta que seu título se dirige a dois públicos: primeiro para as pessoas que já o conheciam, para as quais o Emicida teria voltado, retornado, e segundo, aos que estariam tendo contato com seu trabalho pela primeira vez, devido à dimensão que ele tomou, inclusive com música em novela (“Zoião” tema de “Sangue bom” da TV Globo) (EMICIDA, 2013b). Nesta mesma “live” ele diz que algumas músicas foram compostas com releituras de samba (por exemplo, em “Hino vira-lata” cujo “beat” foi feito por K-Salaam & Beatnik com ukulele). Na parceria com MC Guimé, Emicida ressalta uma quebra de paradigma e de respeito mútuo entre o Rap e o Funk que ocupam o mesmo espaço na periferia, segundo o rapper. O álbum foi produzido pelo músico paulista Felipe Vassão.

O segundo álbum (EMICIDA, 2015) tem sua história registrada em um documentário (EMICIDA; EVANDRO FIÓTI; ÊNIO CÉSAR, 2016) no qual podemos acompanhar seus preparativos no Brasil, a viagem à África (em 2015) e o processo de criação de algumas músicas. As colaborações com as Batucadeiras do Terreiro dos Órgãos, o músico Kaku Alves de Cabo Verde, Joel Inga e outros músicos de Angola, bem como a produção (e parcerias na composição) de Marcos Xuxa Levý, conferem ao álbum uma sonoridade afrocentrada que muito bem é sintetizada no verso: “De pele ou digital, tanto faz, é tambor”, da música “Ubuntu Fristaili” (EMICIDA, 2013). Este segundo álbum



foi indicado ao Grammy Latino na categoria “Melhor álbum de música urbana” em 2016.

No álbum mais recente, “AmarElo”, Emicida (2019b) explora o sensível, a fé, sem deixar de abordar a questão racial e o genocídio da população negra (cis e trans) que envolve, inclusive, muitos casos suicídios.

A ideia do cara forte que não chora, intransponível, do coração inalcançável, sinceramente, para mim não me interessa mais. Não foi nesse lugar que eu encontrei a humanidade. É uma camuflagem, uma casca que protege muitas vezes uma fraqueza. Eu acho que o projeto inteiro, AmarElo, ele fala sobre maturidade sabe? Do ponto de vista espiritual, do ponto de vista humano (EMICIDA, 2019c).

Não à toa, o álbum se desdobrou em dois *podcasts* sendo que um deles traz episódios que falam sobre bem-estar, saúde mental, espiritualidade e alimentação. Emicida demonstra no projeto AmarElo uma preocupação com todas as dimensões do humano. Ele comenta sobre o exercício de retomar o contato com a África algo que, no Brasil, teria tido início ainda no samba (com o músico Jair Rodrigues) antes mesmo do Rap.

Se você for pegar a primeira versão nesse momento da música “deixa isso pra lá, vem pra cá o que que tem?” tem uma batida seca. Então o ritmo e a poesia já tavam ali. A minha intenção com o disco AmarElo é dar continuidade a esse exercício, que é um exercício bastante africano. Porque muitas pessoas defendem que a música Rap e o Hip-Hop como um todo é como se fosse o elemento que faz com que toda a Diáspora Africana se comunique no continente americano e não só, mas no mundo inteiro hoje (EMICIDA, 2020).

Em dezembro de 2020, Emicida lançou o documentário “AmarElo: é tudo pra ontem” na Netflix (AMARELO, 2020). A obra mostra o show de lançamento do álbum no Teatro Municipal de São Paulo tendo como pano de fundo a fundação do Movimento Negro Unificado, o samba dos Oito Batutas<sup>9</sup>, o movimento de arte moderna (na figura de Mário de Andrade) e o entrelace do Rap com o samba. São apresentados/as intelectuais e figuras de amplo destaque no samba e Rap que foram inspirações para a produção das músicas em estúdio (assinadas pelo curitibano Nave). O álbum AmarElo foi indicado e vencedor do prêmio melhor álbum de rock ou de música alternativa em língua portuguesa do Grammy Latino de 2020. A música título “AmarElo”, em parceria com Majur e

---

<sup>9</sup> Conjunto musical brasileiro criado em 1919 no Rio de Janeiro. Integrantes: Pixinguinha (flauta), Donga (violão), Raul Palmieri (violão), Nelson Alves (cavaquinho), China (canto, violão e piano), José Alves (bandolim e ganzá) e Luis de Oliveira (bandola e reco-reco). O grupo excursionou pela Europa após o término da 1ª Guerra Mundial.

Pablo Vittar, recebeu indicação à melhor canção em língua portuguesa na mesma premiação.

Considerando os três álbuns de estúdio, chegamos ao total de 39 faixas tidas como o material empírico da pesquisa (listadas no Quadro1).

<b>O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui (2013)</b>	<b>Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa... (2015)</b>	<b>AmarElo (2019)</b>
"Milionário de Sonho"	"Mãe" (part. Dona Jacira e Anna Tréa)	"Principia" (part. Fabiana Cozza, Pastor Henrique Vieira, Pastoras do Rosário)
"Levanta e anda" (Part. Rael da Rima)	"8"	"A ordem natural das coisas" (part. MC Tha)
"Nóiz"	"Casa"	"Pequenas Alegrias da Vida Adulta" (part. Thiago Ventura)
"Zoião"	"Amoras"	"Quem tem um amigo tem tudo" (part. Zeca Pagodinho e Tokyo Ska Paradise Orchestra)
"Crisântemo" (part. Dona Jacira)	"Mufete"	"Paisagem"
"Sol de giz de cera" (part. Tulipa Ruiz e Estela Vergílio)	"Baiana" (part. Caetano Veloso)	"Cananéia, Iguape e Ilha Comprida"
"Hoje Cedo" (Part. Pitty)	"Passarinhos" (Part. Vanessa da Mata)	"9nha" (part. Drik Barbosa)
"Trepadeira" (part. Wilson das Neves)	"Sodade"	"Ismália" (part. Larissa Luz e Fernanda Montenegro)
"Bang!"	"Chapa"	"Eminência Parda" (part. Dona Onete, Jé Santiago, Papillon)
"Gueto" (part. MC Guimê)	"Boa esperança" (part. Ghetto)	AmarElo (com Majur e Pablo Vittar)
"Hino vira-lata" (part. Quinteto em Branco e Preto)	"Trabalhadores do Brasil" (part. Marcelino Freire)	"Libre" (Com Ibeyi)
"Alma gêmea" (part. Rafa Kabelo)	"Mandume" (part. Drik Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzike e Raphão Alaafin)	
"Samba do Fim do Mundo" (Part. Fabiana Cozza & Juçara Marçal)	"Madagaskar"	
"Ubuntu Fristaili"	"Salve Black"	

Quadro 1: títulos das 39 faixas dos três álbuns de estúdio de Emicida. Fonte: Wikipédia (2020).

A produção acima descrita mostra a valorização que o músico Emicida tem dado à participação de convidadas(os). Das 39 músicas, 24 possuem a presença de cantores (de variados gêneros musicais), poetas/poetisas, atores/atrizes e de sua própria mãe.



#### 4.2. Temas presentes na literatura de Emicida

Após a leitura e escuta das músicas, de forma exploratória, identifiquei os temas iniciais (coluna esquerda do Quadro3) que somaram o total de 13. Em seguida, busquei agrupa-los em categorias mais amplas, chegando a 7 (sete) categorias temáticas (coluna direita do Quadro2).

<b>Temas iniciais</b>	<b>Categorias temáticas</b>
1. Cotidiano, periferia	Materialidade da vida
2. Trabalho, tensões entre classes (marginalização)	
3. Dinheiro, consumo, redes sociais	
4. Relações amorosas (poucas referências à sexualidade), de amizade, familiares	Relações interpessoais
5. África (países, povos, reis, idiomas)	Ancestralidade e Espiritualidade
6. Religiosidade/ espiritualidade (Orixás; umbanda e candomblé; Deus; Jesus; alma; fé; oração; espírito)	
7. Escravidão dos povos africanos; colonização	Racismo e Resistência Negra
8. Violência (policial); assassinatos; discriminação racial; formas de resistência	
9. Sentimentos (inveja, raiva, amor, saudade, ansiedade, paz, rancor, alegria, felicidade, mágoa, pena, ódio, solidão, medo, coragem, calma, tristeza, desespero, angústia, cansaço, dor, carinho, ira, melancolia, banzo, esperança, ambição)	Corporalidade
10. Referências ao corpo, sua anatomia e fisiologia (cabeça, mente, coração, nariz, rosto/cara, costas, língua, bunda, mãos, dente, joelho, pernas, barriga, pescoço, olhos/íris, punho, estrias, varizes, lágrimas, pranto, pele, colo, retina, suor, sangue, riso/sorriso, voz)	
11. Amadurecer, envelhecer, crescer	
12. “Personalidades” (mídia, Rap), acontecimentos cotidianos, instituições, eventos históricos	Referências
13. Elementos da natureza/ambiente (céu, estrelas, plantas, animais)	Natureza

Quadro 2: temas recorrentes na literatura Hip-Hop de Emicida (considerando-se apenas os álbuns de estúdio). Fonte: a autora (2020).

Em seguida, fiz um mapeamento por categoria temática. No Quadro3 encontra-se o número de músicas classificadas em cada categoria por álbum, bem como o total de músicas.

<b>Categorias temáticas</b>	<b>Ocorrências (músicas em cada álbum)</b>			<b>Total de músicas</b>
	<b>O Glorioso Retorno de Quem Nunca Esteve Aqui</b>	<b>Sobre Crianças, Quadris, Pesadelos e Lições de Casa...</b>	<b>AmarElo</b>	
Materialidade da vida	9	8	8	25
Relações interpessoais	8	9	5	22
Ancestralidade e Espiritualidade	7	7	4	18
Racismo e Resistência Negra	6	5	5	16

Corporalidade	11	8	8	27
Referências	7	7	8	22
Natureza	2	5	6	13

Quadro 3: classificação da literatura de Emicida nas categorias temáticas. Fonte: a autora (2020).

Considerando o conjunto dos três álbuns, a categoria temática mais presente foi “corporalidade”, seguida por “materialidade da vida”. A forte presença de emoções, sentimentos, bem como processos relacionados ao corpo está imbricada às questões materiais da vida de um homem negro, jovem, trabalhador e periférico que está/é/existe/resiste no mundo, mais especificamente, em uma sociedade capitalista, racista e violenta. É interessante notar, entretanto, que o tema do racismo nem sempre está em pauta quando o rapper aborda a corporalidade, estando ela também atrelada às relações com o outro, seja este alguém físico (alteridade/afeto) ou espiritual (entidade/divindade). Isto confere à produção de Emicida uma particularidade no Rap nacional, já que nem sempre a denúncia ou o protesto fazem-se presentes através de temas frequentes no gênero, tais como a violência e o genocídio da juventude negra.

No primeiro álbum (EMICIDA, 2013a), a corporalidade tem destaque aparecendo em 11 das 14 músicas. Nele, as faixas que contemplaram maior número de categorias (cinco) foram “Nóiz”, “Crisântemo”, “Hoje cedo” e “Samba do fim do mundo”. No segundo álbum (EMICIDA, 2015) as músicas “Boa esperança”, “Mandume” e “Salve Black” foram classificadas em cinco categorias, havendo destaque para as relações interpessoais. Já no álbum mais recente (EMICIDA, 2019b), há um equilíbrio entre as categorias sendo as músicas “Principia” e “Eminência Parda” as que foram classificadas em maior número de categorias (cinco e seis, respectivamente).

#### 4.3. Potenciais da literatura de Emicida para a educação antirracista

Apesar de várias músicas terem sido classificadas em diversas categorias temáticas, algumas se destacam pela ênfase em alguma ou pela possibilidade de interseção entre duas ou mais. Nesse sentido, busco a seguir exemplificar as categorias com os versos das nove músicas indicadas acima em busca de elementos que subsidiem uma educação antirracista.

#### 4.3.1 “Nóiz”

O lema de Emicida “A rua é nóiz” é cantado nessa música que fala sobre o cotidiano de um trabalhador que no seu “correr” enfrenta diversas dificuldades, tem caráter e fé, cobra pelo o que é seu, mas que compartilha.

Ó só, num tira não, aí Jão, onde é que tá meu din?  
A diferença é que eu vim pra sacar, não saquear  
Pra num criar criaca e no fim meus plano miar  
Vou ratear, distribuir pros remelento  
E botar a cara de Zumbi em cada nota de duzentos (EMICIDA, 2013a).

Nesse sentido, “Nóiz” expressa fortemente a filosofia/ética Ubuntu.

Ubuntu, palavra existente nos idiomas sul africanos zulu e xhosa que significa “humanidade para todos”, é a denominação de uma espécie de “Filosofia do Nós”<sup>2</sup>, de uma ética coletiva cujo sentido é a conexão de pessoas com a vida, a natureza, o divino e as outras pessoas em formas comunitárias. A preocupação com o outro, a solidariedade, a partilha e a vida em comunidade são princípios fundamentais da ética Ubuntu (NASCIMENTO, 2016, p. 1, nota de rodapé suprimida).

A coletividade sintetizada no refrão de “Nóiz” retrata a sabedoria do preto em diáspora que reconhece que somente pode contar com seu povo nas situações de extrema dificuldade, já que desde sua transmigração nos navios negreiros somente tinham a si mesmos (chamavam-se de malungos<sup>10</sup>) e até hoje se organizam comunitariamente (recentemente, na pandemia da Covid-19, diversos movimentos como o “Mães da Favela”, projeto da CUFA – Central Única das Favelas, fizeram a coleta de doações e distribuição de alimentos para famílias periféricas vulneráveis).

Não à toa, Emicida refere-se em alguns versos a Zumbi (“Trago em mim o que fez Zumbi perecer / O que fez Zumbi merecer, o que fez Zumbi aparecer”) e, com ele, à noção/organização do quilombo. De acordo com Abdias Nascimento (2019, p. 70), “Zumbi, de origem banta, foi o último rei dos Palmares; é celebrado na experiência pan-africana do Brasil como o nosso primeiro herói do pan-africanismo”. A terra da República de Palmares pertencia a todos e o resultado do trabalho coletivo era propriedade comum; tinha uma organização, tanto social quanto política, em sua maneira africana tradicional (NASCIMENTO, 2019). Os quilombos eram/são “genuínos focos de resistência

<sup>10</sup> Malungo: “como se tratavam entre si, os africanos que vinham no mesmo navio”; consideravam-se irmãos, uma irmandade (SANKOFA, 2020).

física e cultural” (p. 281), um modelo de organização social que objetiva superar as consequências do período escravocrata, tendo como base a solidariedade.

“Nóiz” traz, portanto, o quilombismo – como uma “afirmação humana, étnica e cultural”, como “*praxis* afro-brasileira” (NASCIMENTO, 2019, p. 281/282) – contemporâneo do Hip-Hop. Como o próprio Emicida disse: “Os mano é os quilombola dos tempo moderno. São pessoas que buscam lutar pelo seu povo, os guerreiro da periferia” (EMICIDA, 2012). A ética africana Ubuntu e a perspectiva pan-africanista de Abdias Nascimento podem ser exploradas a partir dessa música.

#### 4.3.2 “Crisântemo”

A música “Crisântemo” tem como pano de fundo a história do pai de Emicida, sua dependência do álcool, e seu fim trágico<sup>11</sup>. Ao final, Dona Jacira recita um poema em que narra o dia da morte e o enterro de seu ex-marido. A questão da ausência e da perda de um familiar alcoólatra é a temática da letra cuja melodia melancólica, com solo de violão de Luizinho 7 cordas, o cavaquinho de Rafa Kabelo e uma batida seca de baqueta de bumbo nos remete à despedida.

A questão do alcoolismo e do vício se apresenta em versos que descrevem o dia-a-dia de quem convive com o dependente: “Ele bebeu, bebeu, tipo vencedor / E depois riu, riu, como Bira do Jô” e “Vai, toma outro drink, se é o que lhe resta / Toma outro drink, a vida é uma festa”. Emicida nos provoca sobre os vários vícios e o que nos faria usar diversos tipos de drogas.

Me diz, qual a sua droga? TV, erva?  
Unh? Qual a sua droga? Solidão, cerva?  
Onde você se esconde? Onde se eleva hein?  
O que é seu em terra de ninguém? (EMICIDA, 2013a).

A droga apresenta-se como um refúgio de uma vida que perdeu sentido e culmina com a morte, deixando aos seus, dor e saudade: “Ele nos deu, nos deu toda a fé de um pastor / Depois sumiu, sumiu deixando só a dor”, “Padeceu, desceu, como na seca, flor / E nóiz seguiu, seguiu juntando o que restou”, “Mais saudade, que é sentir fome com a alma”. O duo vida e morte surgem no refrão:

---

<sup>11</sup> O episódio da morte do Sr. Miguel é contado por Emicida em entrevista à TV Cultura (EMICIDA, 2011b) quando comenta sobre a música “Ooorra” do álbum ao vivo “10 anos de triunfo”.

A vida é só um detalhe  
É tudo, é nada, é um jogo que mata  
É uma cilada  
A vida é só um detalhe (EMICIDA, 2013a).

A música “Crisântemo”<sup>12</sup> inspira uma discussão acerca das determinantes sociais do alcoolismo, incluindo aí os fatores de raça e de perfil econômico. “Quem são os dependentes de álcool (droga liberada no Brasil)? Qual a cor das pessoas que morrem em virtude do alcoolismo?”. Os dados racializados não estão presentes em relatórios oficiais sobre Álcool e Saúde da OMS (Organização Mundial da Saúde)<sup>13</sup>, o que indica mais um aspecto institucional do racismo que silencia estatísticas. Aqui no Brasil, entretanto, existem estudos locais que nos dão elementos para a discussão das perguntas colocadas acima. Tomando um deles, desenvolvido por Jomar et al. (2014) no Rio de Janeiro, a raça (cor da pele negra e/ou mestiça) foi identificada como um dos fatores associados a padrões de consumo problemático de álcool. Na discussão, eles comentam:

Indivíduos negros e/ou mestiços apresentaram níveis mais elevados de consumo problemático de álcool neste estudo. (...) Acredita-se que os resultados do presente estudo sejam reflexos das iniquidades raciais em saúde, expressas pelos diferenciais nos riscos de adoecer e de morrer, originados de condições heterogêneas de existência e de acesso a bens e serviços. As desigualdades nos indicadores de saúde entre a variável raça/cor de pele remetem, portanto, aos determinantes sociais de saúde como um fator influente na pior condição de saúde para negros comparados aos brancos<sup>28</sup>, no caso do presente estudo, o consumo problemático de álcool (JOMAR et al., 2014, p. 34).

Entendo que este pode ser um ponto para um debate na educação formal, dentro de uma perspectiva antirracista, que se proponha a explorar questões de saúde relacionadas à raça.

#### 4.3.3 “Hoje cedo”

A faixa “Hoje cedo” com participação da cantora Pitty fez grande sucesso. Até por isso, Emicida (2019b) diz em “AmarElo”: “Hoje cedo não era um hit, era um pedido de socorro”. Esse pedido tem a ver com sua ascensão e, ao

<sup>12</sup> O videoclipe de Crisântemo está disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=iJHEQKL9lww>. Acesso em 02 jan. 2021.

<sup>13</sup> No relatório mais recente da OMS (“Global status report on alcohol and health 2018”) não há dados específicos sobre raça e/ou etnia. Uma síntese com informações do Brasil é encontrada em <https://cisa.org.br/index.php/pesquisa/dados-oficiais/artigo/item/71-relatorio-global-sobre-alcool-e-saude-2018>. Acesso em 01 jan. 2021.

mesmo tempo, sua impotência frente a ela. “A fama irrita, a grana dita, cê descredita?”. Emicida das rinhas aparece provocando seus adversários e mostra o paradoxo do sucesso:

Aí, é rima que cês quer, toma, duas, três  
Farta pra infartar cada um de vocês  
Num abismo sem volta, de festa, ladainha  
Minha alma afunda igual minha família em casa, sozinha (EMICIDA, 2019b).

Em outro verso retoma: “Eu ainda sou o Emicida da Rinha / Lotei casas do Sul ao Norte / Mas esvaziei a minha”. Até que ponto a fama garante a felicidade entre os seus, é uma dúvida implícita na música.

A racialidade aparece em versos que fazem referência aos Racionais MC's:

Contra vilões que sangram a quebrada  
Só que raps por nóiz, por paz, mais nada  
Me pôs nas Gerais, numa cela trancada  
Eu lembrei do Racionais, reflexão  
Aí, "os próprio preto num 'tá nem aí com isso, não" (EMICIDA, 2013a).

A música citada é “Jesus Chorou” (RACIONAIS MC's, 2002) e no verso anterior Mano Brown rebate um comentário sobre sua pretensa postura de um rapper que tem dinheiro e seria egoísta. Ele diz: “Amo minha raça, luto pela cor / O que quer que eu faça é por nós, por amor / Não entende o que eu sou, não entende o que eu faço / Não entende a dor e as lágrimas do palhaço” ao que sua mãe responderia: “Paulo acorda, pensa no futuro que isso é ilusão / Os próprio preto não tá nem aí com isso não”. O aponta as contradições impostas pela luta racial, inclusive o questionamento de outros pretos que estão em um momento inicial de conscientização de sua negritude. Os rappers abordam implicitamente a questão racial em um dilema entre ganhar (sucesso, reconhecimento e dinheiro) e perder (a própria família e o respeito dos seus devido à fama), algo que brancos dificilmente se deparam. Apresenta-se uma potente frente para a discussão com os estudantes em sala de aula: “Quais barreiras estão postas na sociedade brasileira que dificultam a ascensão profissional dos negros?”, “Uma vez que o/a preto/a ascende social e economicamente, tendo destaque em sua profissão, quais novos desafios lhe são impostos?”. A cobrança que é feita aos negros e que muitos assumem para si mesmos (por não haver outra opção) de

sempre terem que ser os melhores em suas profissões está fortemente atrelada ao racismo institucional e estrutural (ALMEIDA, 2019).

#### 4.3.4 “Samba do Fim do Mundo”

Nesta música destaca-se a primeira pessoa do plural levando-nos a imaginar que o “nós” ou “nóiz” são os pretos, os pobres, os favelados, os rappers: “Somos a contraindicação do Carnaval / Nagô de tambor digital”. Existe uma tensão entre o “nós” e os “outros” que se materializa nos versos:

Somos a bomba, redenção, Napalm  
Miséria, cartão-postal  
Brasilândia, Capão, Vidigal  
Estopim da guerra racial  
Foi Amistad, pouca idade, hoje Jihad,  
Problema, revolução morena  
Que se descobre  
Quando vê no sistema essa máquina de moer pobre (EMICIDA, 2013a).

Na periferia (comunidades de SP e RJ) em que se convive com a miséria e onde pobres são moídos pelo sistema está o combustível para a revolução. Vivemos há séculos uma guerra racial velada em nosso país que assassina o povo preto: “Mas sangue e suor são sempre nossos”. Sangue, suor, calos e traumas decorrentes de séculos de opressão.

Os porco reina, orgia  
Favela queima como o congresso deveria  
Eu falo de suor e calos, traumas e abalos  
Almas e ralos, São Paulo  
Fumaça feia  
Capitães do mato versus capitães de areia (EMICIDA, 2013a).

Abdias Nascimento (2016) atenta-nos sobre o papel desempenhado pelo mulato (produto de sangue misto e do estupro da mulher negra) como capitão do mato.

Situado no caminho entre a casa grande e a senzala, o mulato prestou serviços importantes à classe dominante. Durante a escravidão, ele foi capitão-de-mato, feitor e usado noutras tarefas de confiança dos senhores e, mais recentemente, o erigiram como símbolo da nossa “democracia racial”. Nele se concentraram as esperanças de conjurar a “ameaça racial” representada pelos africanos. E estabelecendo o tipo mulato como o primeiro grau na escada da branquificação sistemática do povo brasileiro, ele é o marco que assinala o início da liquidação da raça negra no Brasil (NASCIMENTO, 2018, p. 83).

A (auto) descoberta da periferia, da favela, somente se faz possível a partir do reconhecimento de que a democracia racial brasileira é um mito e, ao mesmo



tempo, uma ideologia. Pode-se, assim, a partir de “Samba do fim do mundo” explorar questões relacionadas à miscigenação, ao colorismo e ao ideal de embranquecimento da população brasileira e os mecanismos (estéticos, culturais, institucionais etc.) de resistência “à mobilidade social vertical massiva que foram criados contra os contingentes populacionais discriminados” por uma “estrutura escravista, inicialmente, e de capitalismo dependente, em seguida” (MOURA, 1988, p. 62). Desde a invasão dos portugueses colonizadores estabeleceu-se uma elite que, autoidentificada como branca, escolheu esse tipo como sendo superior etnicamente havendo “em contrapartida, como tipo negativo, inferior, étnica e culturalmente, o negro” (*idem*). Essa mesma elite (incluindo aí a científica) impôs, através de uma poderosa ideologia a falsa percepção de que no Brasil inexistem conflitos raciais devido, justamente, à miscigenação. Pode-se aqui dialogar com os autores que abordam o racismo científico cujos “estudos” foram vitais para a consolidação do eugenismo (MACIEL, 1999), discutindo-se os conceitos biológico e social de raça (MUNANGA, 2003). Outros temas, como a autoidentificação, as cotas étnico-raciais e a “pardização” nos censos demográficos, podem também ser explorados.

#### 4.3.5 “Salve Black”

Esta faixa é uma celebração ao Rap nacional e às parcerias que sobrevivem apesar das separações com o tempo. Malungos, irmãos que são aliados em momentos de dificuldade:

Segura negão  
Cumprimenta o seu irmão  
Que tá do seu lado  
'Cês tão tudo aliado  
O rap nacional nos fortalece  
A gente conhece (EMICIDA, 2015).

O potencial de cura do Hip-Hop (apontado por Hill, 2014) e, mais especificamente do Rap, aparece no verso: “O mundo tá doente, eu mando a rima que sara / Sara e bate, saravá firmão?”. A cura se dá pelo amor, não pelo ódio.

Entre leis que avariam  
Pessimamente avaliam a pureza do coração do sujeito  
O ódio burro é moda hoje em dia

Eu vim pra ser o amor inteligente a dizer  
Vê direito, entendeu? (EMICIDA, 2015).

O Rap que salva vidas e propicia o resgate de “um passado esquecido, repleto de dores e sofrimentos recalcados ao longo da história brasileira” em relação “aos sofrimentos do presente, embora vivenciados de outro modo na periferia” (AMARAL, 2015, p. 284/285) consiste em uma literatura potente para que jovens estudantes consigam se expressar e elaborar psíquica e socialmente sua revolta e as opressões sofridas. “Salve Black” é uma ode ao Rap e junto a outras músicas de Emicida pode servir como base para trazer para a sala de aula a cultura Hip-Hop, apresentando/explorando o gênero musical que tem como missões: “(...) relatar a realidade da periferia, registrar os desmandos contra os pobres, denunciar as discriminações sociais e reforçar a formação e recuperação da identidade negra” (LACHOWSKI, 2018, p. 69). Além disso, conforme bem apontou Andrade (1999, p. 86), o Hip-Hop é um movimento negro juvenil que “foi criado e continua com o mesmo propósito: canalizar energias que poderiam estar voltadas à criminalidade centralizando-as na produção artísticas”. A particularidade da obra de Emicida consiste em trazer o elemento da fraternidade e da amorosidade à postura do rapper, que preza pelo autocuidado e cuidado dos seus<sup>14</sup>.

#### 4.3.6 “Boa esperança”, “Mandume” e “Eminência Parda”

As três músicas destacam-se pela ênfase na questão racial e, por esse motivo, optei por abordá-las em conjunto. Nelas estão presentes temas como escravização de povos africanos, colonização, personagens históricos, crenças e entidades, genocídio de jovens pretos, entre outros.

A música “Boa esperança” (EMICIDA, 2015), com participação de J. Guetto, tece um paralelo entre a escravização de africanos e a violência policial sofrida pelos afro-brasileiros atualmente:

E os camburão o que são?  
Negreiros a retrafficar  
Favela ainda é senzala, Jão!  
Bomba relógio prestes a estourar  
O tempero do mar foi lágrima de preto

<sup>14</sup> Sugiro a audição do podcast “AmarElo Prisma”, no qual Emicida e convidados comentam sobre quatro movimentos: Paz/Corpo, Clareza/Mente, Compaixão/Alma, Coragem/Coração (EMICIDA, 2019d).

Papo reto como esqueletos de outro dialeto  
Só desafeto, vida de inseto, imundo  
Indenização? Fama de vagabundo (EMICIDA, 2015).

Torna-se possível uma discussão sobre as origens e funções da polícia no Brasil, enquanto Aparelho (repressivo) de Estado (ALTHUSSER, 1985), desde o período colonial até a república. Campos e Silva (2018) constata, por meio de uma revisão histórica, que a polícia teve (e tem) como foco “o controle das classes populares, visando especialmente o trabalho disciplinado” (p. 218) também dos que não estão no trabalho formal. “Tal disciplina, em consonância com o padrão capitalista de sociabilidade, em um país estruturado pela exploração do trabalho de negros e negras, se acirra em um padrão racializado e elitista de violência policial” (CAMPOS; SILVA, 2018, p. 218). O processo de criminalização da pobreza, a relação entre o Estado (instituição polícia) e os grupos marginalizados podem ser abordados a partir de “Boa esperança”.

Em outros versos, Emicida elenca abusos cometidos pela polícia como supostos desacatos e auto de resistência<sup>15</sup>. Ele faz a relação com outro Aparelho de Estado – neste caso, Ideológico – que é o da informação (imprensa, rádio/televisão) (ALTHUSSER, 1985).

Desacato, invenção, maldosa intenção  
Cabulosa inversão, jornal distorção  
Meu sangue na mão dos radical cristão  
Transcendental questão, não choca opinião  
Silêncio e cara no chão, conhece?  
Perseguição se esquece? Tanta agressão enlouquece  
Vence o Datena com luto e audiência  
Cura baixa escolaridade com auto de resistência (EMICIDA, 2015).

A forma como a mídia retrata a violência urbana, reproduzindo estereótipos, espetacularizando prisões e assassinatos de homens negros constitui importante viés no debate racial. A comoção é seletiva quando um crime é cometido contra um/a negro/a. A sociedade brasileira não se choca com balas “perdidas” que atingem e tombam corpos pretos, ainda que sejam de crianças.

---

<sup>15</sup> O auto de resistência é uma política de Estado que tem sido utilizada desde 1969 para justificar assassinatos cometidos por policiais militares em serviço, alegando-se resistência à ordem de prisão.

Pode-se, assim, em sala de aula, buscar interpretar essa condição histórica e psicológica do brasileiro e sinalizar a importância de uma mídia antirracista<sup>16</sup>.

“Mandume” (EMICIDA, 2015) é assinada por Drik Barbosa, Amiri, Rico Dalasam, Muzzike e Raphão Alaafin. A letra traz referências ao feminismo negro, a personagens históricos, línguas e territórios africanos, aos orixás e à violência contra negros/as. O refrão cantado por Emicida surge como “um protesto contra a ideia de humildade e subalternização das populações negras” (OLIVEIRA; BRAGANÇA, 2019, p. 5):

Eles querem que alguém  
Que vem de onde nóiz vem  
Seja mais humilde, baixa a cabeça  
Nunca revide, finja que esqueceu a coisa toda  
Eu quero é que eles se ... (EMICIDA, 2015).

A origem/ancestralidade dos rappers (“Que vem de onde nóiz vem”) está presente em outros versos de “Mandume”. De acordo com as autoras Ludmila Witzel e Ximena Merino, nesta música:

A retomada da consciência negra se dá (...) pelo resgate do passado negro, da cultura africana, de personagens históricos ou ficcionais africanos (como Kunta Kinte) pela inserção de um trecho que retoma o hino africano e aproxima o negro de sua terra natal, palavras como “banzo”, ainda, que retomam o dialeto africano e marcam a nostalgia pelo território ocasionada pela diáspora (WITZEL; MERINO, 2016, p. 205/206).

Contar a história de povos africanos, incluindo aí a realeza de vários dos personagens citados, entre eles o próprio rei Mandume ya Ndemufayo (1884-1917) (reino Kwanyama, sul de Angola), faz parte do resgate da história da África que resistiu à colonização (como nos versos de Amiri transcritos abaixo).

Mas mano, sem identidade somos objeto da História  
Que endeusa "herói" e forja, esconde os retos na história  
Apropriação a eras, desses tá na repleto na história  
Mas nem por isso que eu defeco na escória  
Pensa que eu num vi?  
Eu senti a herança de Sundi  
Ata, não morro incomum e  
Pra variar, herdeiro de Zumbi (EMICIDA, 2015).

A resistência passa também pela via do sagrado, de exaltação de entidades e de ritos de religiões afro-brasileiras, como nos versos de Raphão Alaafin:

Sem eucaristia no meu cântico  
Me veem na Bahia em pé, dão ré no Atlântico

<sup>16</sup> Indico o podcast “Fora da caixa” sobre mídia antirracista (FORA DA CAIXA, 2020).

Tentar nos derrubar é secular  
Hoje chegam pelas avenidas, mas já vieram pelo mar (EMICIDA, 2015).

Um debate sobre assimilação cultural (MOURA, 1988) pode ser promovido a partir de “Mandume”, abordando especificamente a religiosidade<sup>17</sup>. Refletir em sala de aula sobre os mecanismos que têm promovido o branqueamento das culturas de matrizes africanas constituindo, assim, uma “cultura nacional” traz contribuições importantes para a educação antirracista. Com isso, possibilita-se discutir o racismo religioso que tem se manifestado pela perseguição e violência aos praticantes e pela destruição de terreiros, como parte de um processo histórico que serviu à colonização por meio da desumanização dos negros e do amaldiçoamento das religiões africanas e afro-brasileiras. Como Clóvis Moura bem enfatiza, é parte de uma estratégia ideológica cujas técnicas “desde a catequese e cristianização aos planos regionais e ‘científicos’ de etnólogos contratados por instituições colonizadoras, foram e continuam a ser empregadas para que a assimilação seja acelerada” (MOURA, 1988, p. 42).

É impossível não destacar os versos de Drik Barbosa que exaltam a força da mulher preta e abre espaço para a discussão da interseccionalidade em sala de aula: “Tanta ofensa, luta intensa nega a minha presença / Chega! Sou voz das nega que integra resistência”. A partir de Lélia Gonzalez (1983) pode-se introduzir o debate sobre racismo e sexismo, sobre as noções de mulata, doméstica e mãe preta (figuras presentes em videocliques de Emicida, como “Crisântemo” e “Boa esperança”). De acordo com a intelectual, o “racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira” e “sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (GONZALEZ, 1983, p. 224). Um desses efeitos é trazido por Drik, quando cita o assassinato de Cláudia Silva Ferreira (“Sistema é faia, gasta, arrasta Cláudia que não raia”), mulher preta periférica, moradora da zona norte do Rio de Janeiro, que morreu arrastada por uma viatura policial em 16 de março de 2014. Contrapor a violência à resistência das mulheres negras que lideram movimentos sociais e suas próprias casas, trazendo exemplos e explorando

---

<sup>17</sup> A música “Ubuntu Fristaili” (EMICIDA, 2013a) também cria espaço para a discussão desse tema.

conceitos elaborados por referências do feminismo negro é outra vertente potente para a educação antirracista propiciada por “Mandume”.

“Eminência parda” (EMICIDA, 2019b) aborda, assim como “Boa esperança”, a violência policial: “Escapei da morte, agora sei pra onde eu vou / Sei que não foi sorte, eu sempre quis tá onde eu tô / Não confio em ninguém, muito menos nos pou pou (fuck the police)”, refrão cantado por Jé Santiago. Em sua parte, Emicida também fala sobre morte: “Sou eu mirando e matando a Klu / Só quem driblou a morte pela Norte saca / Que nunca foi sorte, sempre foi Exu”. A sobrevivência de jovens pretos periféricos que convivem com a ameaça de serem mortos pela polícia coexiste com a força da resistência negra. Os versos do rapper português Papillon expressam isso:

Não tem dor que perdurará  
Nem o teu ódio perturbará  
A missão é recuperar, cooperar e empoderar  
Já foram muitos anos na retranca  
Mas preto não chora, mano, levanta  
Não implora, penhora a bandeira branca  
Não cansa a garganta com antas  
Não adianta não  
Foco e atenção na nossa ascensão (EMICIDA, 2019b).

Emicida traz as figuras de dois revolucionários marxistas, o líder de Burkina Faso (país situado na África ocidental, colonizado pela França), Thomas Isidore Noel Sankara (1949-1987) e o argentino Ernesto “Che” Guevara (1928-1967), líder da Revolução Cubana e da Guerrilha de Ñancahuazú (Bolívia). Com isso, abre a possibilidade de se discutir em sala de aula revoluções ocorridas em África e nas Américas Central e do Sul, situando-as historicamente.

Sou Thomas Sankara que encara e repara  
Pique recém-nascido, cercado de checa  
Mescla de Vivara, Guevara, Lebara  
Minha caneta 'tá fodendo com a história branca  
E o mundo grita, não para, não para, não para (EMICIDA, 2019b).

Em paralelo pode-se abordar a colonização (e a descolonização) que aparece nos versos: “Então supera a tara velha nessa caravela / Sério, para, fella, escancara tela em perspectiva” e “Eu pastoreio a negra ovelha que vagou dispersa / Polinização pauta a conversa / Até que nos chamem de colonização reversa”. Tal abordagem pode ser feita em diálogo com o pensamento do

psiquiatra Franz Fanon a partir de uma perspectiva da luta anticolonial e de libertação via revolução (FANON, 1968).

Os videoclipes de “Boa esperança”, “Mandume” e “Eminência parda” (disponíveis no canal do músico no YouTube) trazem elementos que extrapolam as letras das músicas e são excelentes materiais para tratar do racismo na sociedade brasileira contemporânea em sala de aula.

#### 4.3.7 “Principia”

“Principia” é uma canção sobre fé manifestada em diversas crenças: budismo, cristianismo e religiões afro-brasileiras. Nos primeiros versos, Emicida consegue uni-las: “Com o cheiro doce da arruda / Penso em Buda calmo / Tenso eu busco uma ajuda às vezes me vem o Salmo”.

O mundano, o sofrimento experienciado no cotidiano encontra acolhimento no outro, pois que tudo o que temos somos uns aos outros (“Tudo, tudo, tudo, tudo que nóiz tem é nóiz”). A filosofia/ética Ubuntu surge: “É tipo um oftalmo. E eu que, que vejo além de um palmo. Por mim, tu, Ubuntu, algo almo”. O homem cansado se volta a Deus, aparentemente em oração, e questiona:

Deus, por que a vida é tão amarga?  
Na terra que é casa da cana-de-açúcar  
E essa sobrecarga frustra o gueto  
Embarga e assusta seu suspeito  
Recarga que é igual a Jesus  
No caminho da luz, todo mundo é preto (EMICIDA, 2019b).

“Principia” é, sobretudo, uma oração ecumênica que celebra o amor, a partilha: “Se a benção vem a mim, reparto”. A questão da sensibilidade do homem preto apresenta-se nesta música por meio da solidariedade e da afetividade:

Cale o cansaço, refaça o laço  
Ofereça um abraço quente  
A música é só uma semente  
Um sorriso ainda é a única língua que todos entende (EMICIDA, 2019b).

O ódio, portanto, não é a solução, mas sim o amor: “Mano, crer que o ódio é solução / É ser sommelier de anzol”. Essa perspectiva de “Principia” contrasta com aquela presente em “Boa esperança”: “Cês diz que nosso pau é grande / Espera até ver nosso ódio”. Aqui, Emicida rompe com o estereótipo do “rapper



mau/gângster” e, conseqüentemente, com uma masculinidade viril. Abordar em sala de aula as dificuldades que homens pretos encontram para expressarem seus sentimentos é também fundamental em uma educação antirracista. Abordar questões de saúde mental<sup>18</sup> do homem preto, algo que lhe foi negado por séculos, faz parte da desconstrução da (auto) imagem de violência, maldade e da sexualização atrelada aos corpos negros.

## 5. Considerações finais

As análises realizadas neste artigo não tinham como intuito demarcar o uso didático das músicas de Emicida, mas sim reivindicar que sua obra seja reconhecida como referencial teórico para discussões de temas relevantes na sociedade brasileira dentro de uma perspectiva de educação antirracista. Nesse sentido, o diálogo com conceitos e reflexões elaboradas por intelectuais negros/as antecessores permitiu-nos explorar distintas nuances do racismo brasileiro e das violências sofridas por grupos minoritários e periféricos.

Por outro lado, a literatura de Emicida revela novas possibilidades dentro dos EBHH, para além de questões identitárias e culturais dos afro-brasileiros, ainda que estas sejam contempladas. Podem ser explorados elementos históricos, sociais e religiosos atrelados à diáspora africana no Brasil, hoje marcadamente presente nas periferias/favelas dos centros urbanos. Destaco a transdisciplinaridade dos temas, ou seja, a não existência de fronteiras entre eles. Como Arte, a obra de Emicida não foi produzida com o intuito de servir a propósitos educativos formais e, portanto, possui inspirações e finalidades outras (como, por exemplo, o entretenimento, a reflexão e o cuidado). Com isso, superam-se as divisões entre disciplinas acadêmicas tradicionais, de modo que os temas podem ser explorados no ensino escolar e universitário de diferentes áreas do conhecimento, contemplando conteúdos curriculares de diferentes disciplinas (História, Geografia, Língua Portuguesa, Sociologia, Filosofia e Biologia). Em outro trabalho, devido à minha atuação na licenciatura em Ciências Biológicas, direcionei meu olhar para possíveis apropriações das letras de suas músicas como referencial teórico no ensino de Ciências (AUTORA,

---

<sup>18</sup> O episódio “Movimento 2: Clareza/Mente” do podcast “AmarElo Prisma” (EMICIDA, 2019d) aborda esse tema.

2021). Desta forma, a análise aqui realizada indica que a literatura de Emicida pode funcionar como ponte articuladora entre distintos conhecimentos propiciando, assim, diálogos interdisciplinares.

O sistema educativo do qual fazem parte a escola e a universidade, conforme nos atentava Abdias Nascimento, é um dos instrumentos usado “para destruir o negro como pessoa e como criador e condutor de uma cultura própria” funcionando “como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural” (NASCIMENTO, 2019, p. 112/113). Emicida é, portanto, um artista e intelectual imprescindível nos tempos atuais, pois sua literatura permite inverter a narrativa sobre o povo negro, sua história e seus elementos culturais, subsidiando uma educação antirracista.

### Agradecimento

Agradeço e dedico este artigo às/aos queridas/os colegas da turma do curso Ações Afirmativas e Políticas Públicas, liderado pelo Prof. Gabriel Siqueira da UERJ. Com vocês eu aprendi muito sobre o que está aqui escrito. Sem vocês, ele não existiria. Ubuntu. Wakanda forever.

### Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.

ALTHUSSER, LOUIS. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. São Paulo: Ed. Graal, 1985.

AMARAL, Mônica do. O multiculturalismo, o hip hop e a educação: como a música e a história da diáspora se entrelaçam no coração dos jovens da periferia de São Paulo. In: AMARAL, Mônica do; CARRIL, Lourdes. **O Hip hop e as diásporas africanas na modernidade: uma discussão contemporânea sobre cultura e educação**. São Paulo: Alameda, 2015.

AMARELO. É Tudo Pra Ontem. Direção de Fred Ouro Preto. Produção de Evandro Fióti. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2020. 1 vídeo (89 min.).

ANDRADE, Elaine N. de. Hip hop: movimento negro juvenil. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Rap e Educação, rap é Educação**. São Paulo: Summus, 1999 (p. 83-91).

BAMBAATAA, Afrika. Entrevista. **Afrika Bambaataa e a origem do hip-hop**. 2016. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/afrika-bambaataa-e-a-origem-do-hip-hop/>. Acesso em 30 out. de 2020.

BRASIL. **Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Brasília: MEC, 2003.

BRASIL. **Lei 11.645 de 10 de março de 2008**. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília: MEC, 2008.

CAMPOS, Gustavo de A.; SILVA, Flávia Maria S. P. da. Polícia e segurança: o controle social brasileiro. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. esp. 2, p. 208-222, 2018.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando a escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

COSTA, R. O elo perdido. **Revista Trip**, 2012. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/o-elo-perdido>. Acesso em: 23 dez. de 2020.

DIAS, Cristiane Correia. **A pedagogia hip-hop: consciência, resistência e saberes em luta**. Curitiba: Appris, 2019.

EMICIDA. Entrevista. **Boca da Forte. Blog Ações Urbanas**, por Erica Bastos. São Paulo, 27 de agosto de 2006. Disponível em: <https://www.bocadaforte.com.br/materias/entrevistas/em-2006-emicida-concedeu-uma-de-suas-primeiras-entrevistas-a-jornalista-do-bf>. Acesso em: 24 out. de 2020.

EMICIDA. Entrevista. **De frente com Gabi**. São Paulo, 2011a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CRt8IytaN3A>. Acesso em: 24 out. de 2020.

EMICIDA. **Emicida fala sobre a morte do pai**. 2011b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HjexKUk8UJE&t=15s>. Acesso em: 01 jan. 2021.

EMICIDA. Entrevista. **Conexão Repórter – Emicida: o dono da rua**. SBT Online. 16 de março de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1rn7RVFKWak>. Acesso em: 28 out. de 2020.

EMICIDA. **O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui**. Álbum. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2013a. Disco e doc disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Oe6dpYScIKE>. Acesso em: 29 out. de 2020.

EMICIDA. **O glorioso retorno de quem nunca esteve aqui**. Transmissão ao vivo com Fabiana Cozza, Rael, MC Guimé e André Maleronka. 2013b. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=vqp5i\\_2bJzw&t=506s](https://www.youtube.com/watch?v=vqp5i_2bJzw&t=506s). Acesso em: 29 out. de 2020.

EMICIDA. Entrevista. **Emicida Studio62 Bate Papo**. Projeto Studio62. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bfemT62hlS8>. Acesso em: 30 out. de 2020.

EMICIDA. **Sobre crianças, quadris, pesadelos e lições de casa...** Álbum. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015.

EMICIDA. Entrevista. **Histórias do Rap Nacional**. Episódio 3, com Ronald Rios. TV Gazeta. São Paulo, 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=7gkWIDzSbo8&list=PLrQP5nUP\\_0V-AmYf7PHvuhl2US4Egc1dh&index=6&t=812s](https://www.youtube.com/watch?v=7gkWIDzSbo8&list=PLrQP5nUP_0V-AmYf7PHvuhl2US4Egc1dh&index=6&t=812s). Acesso em: 28 out. 2020.

EMICIDA. Entrevista. **Programa do Porchat**. São Paulo, 11 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mxH6cVUA2DE>. Acesso em: 24 out. de 2020.

EMICIDA. Entrevista. **Acerca - RAP TV**. São Paulo, 29 de novembro de 2019a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TtNUIQeYNL0>. Acesso em: 24 out. de 2020.

EMICIDA. **AmarElo**. Álbum. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019b.

EMICIDA. Entrevista. **Nexo Jornal**, por Camilo Rocha. 31 de outubro de 2019c. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9xBF2aAgYeI&list=PLrQP5nUP\\_0V-AmYf7PHvuhl2US4Egc1dh&index=4](https://www.youtube.com/watch?v=9xBF2aAgYeI&list=PLrQP5nUP_0V-AmYf7PHvuhl2US4Egc1dh&index=4). Acesso em: 28 out. 2020.

EMICIDA. **AmarElo PRISMA**. Podcast. 2019d. Disponível em: [https://www.youtube.com/playlist?list=PL\\_N6VL1gm0aJ3z35IScHEkjLLh\\_24xk3A](https://www.youtube.com/playlist?list=PL_N6VL1gm0aJ3z35IScHEkjLLh_24xk3A). Acesso em: 04 jan. 2021.

EMICIDA. Entrevista. **Roda Viva**. 27 de julho de 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=pDV3SGzV3m4&list=PLrQP5nUP\\_0V-AmYf7PHvuhl2US4Egc1dh&index=3&t=2895s](https://www.youtube.com/watch?v=pDV3SGzV3m4&list=PLrQP5nUP_0V-AmYf7PHvuhl2US4Egc1dh&index=3&t=2895s). Acesso em: 28 out. 2020.

EMICIDA; EVANDRO FIÓTI; ÊNIO CÉSAR. **Documentário - Emicida "Sobre NOIZ"**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kE7ElPjWhac>. Acesso em: 28 out. 2020.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FOCHI, Marcos Alexandre B. Hip hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social? **FACOM**, n. 17, p. 61-69, 2007.

FORA DA CAIXA. Podcast. Sobre uma mídia antirracista com Pablo Morenno. Episódio 22. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zuQhAVV-P0U>. Acesso em: 05 jan. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS, n. 2, p. 223-244, 1983.

HILL, Marc L. **Batidas, rimas e vida escolar: Pedagogia Hip-Hop e as políticas de identidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JOMAR, Rafael Tavares; ABREU, Ângela Maria Mendes; GRIEP, Rosane Harter. Padrões de consumo de álcool e fatores associados entre adultos usuários de serviço de atenção básica do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 1, p. 27-38, 2014.

LACHOWSKI, Gibran Luis. **Rap, rappers e juventude de periferia: legitimidade social e múltiplos sentidos**. Curitiba: Appris, 2018.

MACIEL, Maria Eunice de S. A eugenia no Brasil. **Anos 90**, n. 11, p. 121-130, 1999.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENDES CHAVES, Luís de G. Minorias e seu estudo no Brasil. **Revista Ciências Sociais**, v. II, n. 1, p. 149-168, 1971.

MINAYO, Maria Cecília S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 2003.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Alexandre do. Ubuntu como fundamento. **Revista Ujima**, n. 1, p. 1-4, jun. 2016.

OLIVEIRA, Ohana B.; BRAGANÇA, Maurício de. “Nunca deu nada pra nóis”: referências culturais de valorização da negritude no videoclipe Mandume. In:

**XV ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.** Salvador, 2019.

PER RAPS. Blog. **A Batalha da Santa Cruz**, por Eduardo Ribas. 23 de dezembro de 2008. Disponível em: <https://perraps.wordpress.com/2008/12/23/a-batalha-da-santa-cruz/>. Acesso em: 24 out. de 2020.

RACIONAIS MC'S. **Nada como um dia após outro dia**. Álbum. São Paulo: Cosa Nostra, 2002.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANKOFA. A África que te habita. Série documental de César Fraga e Maurício Barros de Castro. Episódio 2. 2020. 1 vídeo (26 min.).

TV GAZETA. **Histórias do Rap Nacional**. Rap das antigas. Episódio 2, com Ronald Rios. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xIReo4nGDHw>. Acesso em: 30 out. de 2020.

WITZEL, Ludmila K.; MERINO, Ximena Antonia D. A bússola de um bom lugar: que lugar é esse? **Revista Travessias**, v. 10, n. 3, p. 194-213, 2016.